



## PROJETO ERASMUS+, PARCERIA ESTRATÉGICA KA2, “YOUNG ENTREPRENEURS – LEARNING BY EXPERIENCE”

No âmbito do projeto Erasmus+, KA2, *Young Entrepreneurs – Learning by Experience*, decorreu, de 19 a 27 de fevereiro, uma mobilidade à Grécia. Participaram as seguintes alunas Portuguesas: Francisca Gomes e Inês Frias (12<sup>º</sup> A), Margarida Ribeiro (12<sup>º</sup> C), Maria Alhais e Marta Rodrigues (12<sup>º</sup> D).

No primeiro dia, em Atenas (Aθina em grego), visitámos o Museu Nacional Arqueológico que exhibe mais de 11.000 peças de arte abrangendo vários séculos da antiguidade Grega. Apreciámos imensas peças em ouro, cobre e marfim, assim como diversos tipos de frescos, graças, não só, mas também, ao louvável trabalho do arqueólogo alemão e personalidade de referência em investigação relacionada com a *Civilização Micénica* (1600-1050 A.C.), Heinrich Schlieman (1822-1890), que, após a descoberta de extraordinários tesouros na Grécia, escreveu “... que eles sejam a base de uma incomensurável riqueza nacional.”. E são, indubitavelmente. É também a ele que se deve a descoberta da grandiosa acrópole de Micenas ou *Mycenae*, (séculos XIV e XIII A.C.). Neste mesmo museu, ficámos elucidados quanto à evolução da estatuária ao longo de séculos: em 600 A.C., as estátuas eram gigantescas e retratavam a nudez masculina atlética. Contudo, a partir de 490 A.C., esta forma de arte passou também a abranger o universo feminino, tendo-se generalizado a utilização de cores naturais nas suas vestes. Posteriormente, a estatuária “séria” tornou-se uma realidade, numa clara alusão à necessidade de o Homem ser um pensador, pois a prática da democracia exigia essa postura perante a vida. A partir de 460 A.C., a estatuária de bronze passou a representar a anatomia humana em todo o seu esplendor, sendo uma compreensível consequência da prática do exercício físico que culminava na realização dos Jogos Olímpicos. A partir de 340 A.C., para tornar as estátuas mais realistas, começou a usar-se marfim para preencher a esclera, cores na íris e pestanas feitas com fios de prata. A estátua de bronze *Jockey de Artemision*, da era helenística (140

A.C.), recuperada de um naufrágio ao largo do cabo Artemision, em Euboea, é graciosamente imponente. No século III A.C., as estátuas em marfim generalizaram-se, assim como os frescos. No *spring fresco*, o opulento uso de cores vibrantes confere-lhe uma grande beleza.

Já em Volos (Βόλοϋ, em grego), os alunos dos vários países assistiram a uma apresentação de atividades, nas quais a escola *40 Geniko Lykeio Volou* tem estado envolvida no âmbito da inclusão social, como, por exemplo, um *graffitti* elaborado pelos alunos do projeto. No laboratório de química, observámos experiências na área da saponificação. Por outro lado, os alunos gregos, perante todos os outros, exemplificaram a riqueza de algumas danças típicas.

Na montanha de Pelion (2800 metros de altitude), em Makrinitza, visitámos o *Centro de Educação Ambiental*, onde assistimos a um breve seminário. Este centro protege a riqueza endémica de Pelion e, em consequência disso, já formalizou contratos com conhecidas marcas de cosmética. Ainda na montanha de Pelion, visitámos uma ONG, *Arsis*, que acolhe imigrantes e refugiados menores provenientes de vários países. Nas aldeias pitorescas desta montanha, as casas típicas exibem, nas janelas, portadas de madeira originais e, por cima, pinturas coloridas ou pequenos vitrais, o que as torna muito bonitas. As aldeias de Visitsa e Milies são disso um exemplo bem ilustrativo. Nesta última, a sua linda igreja construída, provavelmente (pois não há certeza histórica), no século XIV, e renovada em 1741, exhibe frescos, tal como os de todas as igrejas ortodoxas que tínhamos visitado anteriormente, de uma beleza inexcelável. As condições acústicas desta igreja são consideradas as melhores da Europa, contribuindo, para isso, não só, mas também, o facto de ter, no subsolo, três poços que escoam as águas da montanha. À entrada da igreja, deparámo-nos com a tradição de se oferecerem doces típicos aos familiares de um defunto, para assinalar o 40º dia após a sua morte, assim como a todas as pessoas que os quiseram provar, como foi o nosso caso!

Em Volos, visitámos o Museu Arqueológico que alberga importantes achados da era Neolítica. No âmbito do tema geral do projeto, *Entrepreneurship*, ficámos a conhecer o *background* empresarial da *Epsa*, desde a sua fundação, em 1924, até aos nossos dias.

O dia dedicado a Meteora, a pouco mais de 150 kms de Volos, revelou-se verdadeiramente interessante. Esta enorme região é, nomeadamente em termos geológicos, única. Através da visita ao *Museu Digital*, ficámos a saber que Meteora se formou há cerca de 30 milhões de anos, que atinge, no seu ponto máximo, 2918 metros de altitude e que

começou a ser habitada pelo Homem há 140.000 anos. Outro aspeto fascinante de Meteora é que, a partir do século XIV, vinte e quatro mosteiros ortodoxos foram construídos no topo de altíssimas formações rochosas e de acesso absolutamente inacessível. Cada mosteiro possuía um enorme cesto que era descido até à base do pilar rochoso onde tinha sido construído e, depois, o povo enchia-o com alimentos. Deste modo, o total isolamento dos monges ou monjas, conforme o tipo de mosteiro, era completamente assegurado. Hoje em dia, restam apenas seis mosteiros. Visitámos dois, um de monges e outro de monjas. Todos estes mosteiros foram decretados pela UNESCO *Património Mundial da Humanidade*. Em conclusão, podemos afirmar que a encantadora e inquestionável beleza da vista panorâmica de diversos sítios de Meteora se assemelha a um conto de fadas. Ainda em Meteora, visitámos, também, o *Museu de História Natural* e o *Museu dos Cogumelos*. De regresso a Volos, parámos na cidade Trikala, para darmos um passeio.

Novamente em Atenas, a riqueza histórica e arquitectónica da Acrópole, edificada por volta de 450 A.C. e do Partenon (construído entre 447 A.C. e 432 A.C.), dedicado a Atena, deusa padroeira da cidade, é única e inquestionável.

Resta acrescentar que a gastronomia grega é muito variada e saborosíssima. Um dia, por exemplo, num almoço, fomos granjeados com mais de doze qualidades de peixe, para gáudio gastronómico de todos!

Esta mobilidade à Grécia foi, inegavelmente, extremamente enriquecedora, não só sob o ponto de vista cultural, como também pessoal, para o que contribuiu a contagiante afabilidade e simpatia do povo grego. Foi, mais uma vez, uma *lifelong experience* para todo o grupo Português e, claro, também para os da Bélgica, da Letónia e da Estónia.